

## AS VOZES DA ESCRITA

LUÍS SOUTA

Todos sabemos que no corpo de qualquer escritor dedicado à ficção, existe uma voz que ao nascer grita e vai crescendo, desenvolve-se, reproduz-se. Depois são as suas próprias memórias, as da sua infância e de tudo o que vai surgindo enquanto está a ser escrito, ideias, imagens, sons, paladares, tudo, tudo o que lá está escondido nos arcanos, nos sótãos mais enviesados que atravessam os labirintos dos seus, dos nossos cérebros.

Sim, são essas vozes umas vezes nítidas, outras vezes cheias de sombras e de ruídos, sons audíveis ainda que não os consigamos perceber - às vezes, sim! - são essas as vozes com as quais vivemos no dia a dia, assim que acordamos, até adormecer. Cansativas, muitas vezes... mas o hábito é tal que sem isso, sem os nossos murmúrios diários, sem eles pouco ou nada conseguiríamos fazer.

E, para prosseguir com este meu pensamento percorrendo as linhas da diversa reunião de ideias que este livro contém, “tratado” este tão útil elaborado e pensado pelo Professor Luís Souta, na sua vertente divulgadora e “ensinadora”, recorro a uma afirmação, actualmente menos utilizada, mas em tempos muito afirmada e reiterada e que era, ainda é - há uma escrita feminina e uma escrita masculina.

Ora, pessoalmente, não sei desta distinção. O que eu sei é que os homens sempre escreveram, deixaram ver o que escreviam, muito mais do que as mulheres, mas isto por razões práticas, meramente práticas: as mulheres tinham “obrigações obrigatórias” - passe a redundância - e todos sabemos disso. Família, casa, maternidade, parentes, organizações escolares, etc., etc., Não lhes sobrava tempo, naturalmente. Pois com certeza que houve mulheres escritoras, mas o número, comparativamente, é muito reduzido. Por que se insiste tanto na distinção da escrita feminina e masculina? Não falamos todos no mesmo?

Não percebo.

Aceito, no entanto, e com a total e natural naturalidade (entenda-se) que há, que existem sensibilidades próprias de cada identidade, sejam homens ou mulheres ou jovens ou crianças. Isso é natural.

Assim, neste livro e nesta reunião de escritores, encontramos uma disponibilidade inequívoca de invocar, no trabalho de uns e de outros, a categoria intelectual destes escolhidos, a possibilidade do encontro para divulgação e conhecimento, assunto este que foi perfeitamente tratado e apresentado.

Não pretende o Professor Luís Souta enquadrar biograficamente cada um dos escritores aqui mencionados, antes concluir através de depoimentos e entrevistas da importância e qualidade da literatura, cada um em seu género, mas todos explicitamente.

Por outras palavras, a observação, a interpretação e a conclusão de determinado facto é assunto complicado. Percebe-se a olho nu a ideia, mas a incapacidade de a traduzir por palavras, a essa ideia, também se percebe. Ou seja, a observação é simples. Nada como conversar. E conversando, se houver dúvidas, pergunta-se, recorre-se ao diálogo, à ajuda coloquial na interpretação seja do que for. Todas as dificuldades se dissipam quando se conversa. A entrevista, quanto a mim, é um dos meios mais eficazes que conduzem à interpretação do trabalho, da obra, das conclusões que a pessoa entrevistada observou. Conversa-se por palavras e consegue-se entender muito pelo olhar; percebe-se cada letra, cada ideia. A entrevista revela, pode revelar muita informação ainda que

muita dessa informação possa estar escondida nos veios da memória. E é nessa altura que tudo, todos os caminhos da compreensão se deixam ver e perceber: os caminhos escolhidos de quem pergunta e de quem responde.

Assim, o Professor Luís Souta escolheu os seus entrevistados, reuniu, “estudou”, averiguou alguns dos seus pensamentos, apetências, disponibilidades intelectuais, alegrias e desgostos; foi orientando, foi escolhendo e observando e sempre a lembrar-se de que escritores, leitores e livros formam uma tríade indissolúvel e em si mesmos também são os mais diversos: os bons e os maus, os melhores e os piores, os que passam e os que ficam, os da moda e os clássicos, os dignos e os indignos, os simples e os complicados, os artistas e os não artistas, os oportunistas, os úteis e os inúteis, enfim, os que sim e os que não.

Luís Souta sabe, exactamente, a posição e o lugar que ocupam. Escolheu muitíssimo bem e tão cuidadosamente este colégio de escritores e pessoas ligadas à literatura nos seus vários domínios, que vão da necessária escrita à observação crítica dessa mesma escrita, profissionais e não profissionais da mesma.

Mas voltando à escrita literária e para terminar,

Há escritores para tudo o que se relaciona com a vida e com as actividades humanas de todos os tipos. Os livros e os seus escritores são os veículos do conhecimento acumulado, da experiência, das vivências, das aventuras, dos conflitos, das alegrias e das tristezas, das tentativas, das frustrações e dos entusiasmos de descobrir o desconhecido, enfim, do universo humano dinâmico e em constante movimento. Ainda assim eles, os livros e os autores, com os milhões e milhões de títulos e saberes acumulados, de todas as bibliotecas, as desaparecidas e as que continuam e continuarão a existir e cada vez mais na tal misteriosa nuvem cibernética, estão longe, muito longe de descobrir o ser humano, de o descrever na sua totalidade e nas suas capacidades. Sim, porque como dizia o poeta,

*Inútil definir este animal aflito.*

*Nem palavras,*

*nem cinzéis,*

*nem acordes,*

*nem pincéis*

*são gargantas deste grito.*

*Universo em expansão.*

*Pincelada de zarcão*

*desde mais infinito a menos infinito.*

(António Gedeão, “Homem” - *Movimento Perpétuo*, 1956)

Sem querer deitar achas para qualquer fogueira - não as fogueiras da Inquisição que tantos livros queimou - outras “Inquisições” de natureza muito diversa, procuraram e procuram combater o poder dos livros, das literaturas e das artes em geral, na transformação do Homem e do Mundo rumo a uma humanidade mais fraterna, mais colaborativa, mais pacífica, libertadora e criativa. Fazem-no muitas vezes das formas mais subtis e disfarçadas.

Ousaria dizer que o património bibliográfico acumulado, das origens mais diversas, das culturas mais diferentes, dos sonhos mais antigos e dos mais modernos poderia ser instituído como uma espécie de religião de tolerância.

Em todos os sentidos em que o conceito de religião tem sido analisado e interpretado. Tomemos, por exemplo, o sentido de - religar - que é o mais comum e o mais aceite. O livro, efectivamente, pode religar culturas, mundividências e o entendimento mais justo do mundo em que vivemos. O livro pode e deve informar sobre outras erudições, por exemplo, sobre o fenómeno religioso. Tomemos o verbo latino - relegere - e neste sentido não será por acaso que as mais destacadas organizações sejam conhecidas por “Religiões do Livro” como é o caso das religiões cristãs e islâmicas.

Na minha interpretação pagã e pouco conhecedora destes temas, percebo que os livros, quer os grandes livros das chamadas religiões reveladas, quer o conjunto dos textos sagrados em que se fundamentam as diversas organizações e sistemas religiosos, quer a grande literatura, quer o grande pensamento especulativo e filosófico e científico, quer as obras de arte em geral como manifestações do ser e da natureza humana, todos religam universalmente os seres humanos nas suas parecenças e diferenças. É esse o caminho, a meu ver, pelo qual a humanidade poderá conseguir enfrentar os desafios que nesta era da globalização se apresentam.

Há uma questão que se pode colocar: é que a História está feita sobre a importância e o papel dos livros nas histórias civilizacionais e é inegável que se trata de um património e de uma herança que se acumula e que se projecta para novas esferas de criação e de conhecimentos, científicos, artísticos, literários. Mas os grandes sábios, tidos como os grandes mestres da humanidade não escreveram: Cristo, Buda, Confúcio, Sócrates e, no entanto, os seus ensinamentos chegaram-nos principalmente através dos livros.

Não fora a imposição do tempo que circunscreve esta intervenção, e o tal mote incendiário geraria um enorme incêndio de ideias.

Assim ficamos por esta fogueirinha que espero nos possa aquecer a nossa inteligência e sempre o debate.

Termino, apenas, com um apelo muito antigo. Fui buscá-lo a um dos grandes mestres da humanidade, Confúcio.

Diz ele “Se a linguagem não está correcta, então o que é dito não é o que se pretende; se o que é dito não é o que se pretende, então o que tem de ser feito fica por fazer; se isto fica por fazer, a moral e a arte deterioram-se; se a justiça se desencaminha, o povo ficará numa confusão desamparada. Não deve, portanto, haver arbitrariedade no que é dito. Isto é o que mais importa acima de tudo».

E agora digo eu: assim seja também a escrita sem que os limites da imaginação e da criatividade sejam por isso limitados. Haja quem a compreenda, como é o caso vertente.

Termino,

Com os meus maiores e entusiasmados agradecimentos ao Professor Luís Souta pelo trabalho de reunião e de felicidade com que, de certeza, elaborou e trouxe até nós este livro.

Lisboa - Apresentação na Livraria Tantos Livros - Av. Marquês de Tomar nº 1B, Lisboa

No dia 17 de Maio 2024 às 18 H 00